



## XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



### COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA EM UMA ALDEIA MENINA: lições dos Pataxó e Pankararu da Cinta Vermelha-Jundiba, Minas Gerais.<sup>1</sup>

**Rita Simone Barbosa Liberato**  
(Universidade Federal de Sergipe)

#### RESUMO

Os povos originários têm reivindicado o direito a preservar modos de vida, práticas culturais e formas de pensar frente à sociedade globalizada. Postulam seu direito à cidadania, como um processo desconstrutor da exclusão. Articulam a comunicação comunitária (PERUZZO, 2022) e colocam no centro de seus processos e produtos, alianças, lições de resiliência e percursos educativos (MUNDURUKU, 2012). Neste trabalho faremos uma análise do caminho percorrido pela aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, Minas Gerais, em direção ao bem viver (BARRANQUERO, 2012, p. 73). Assenta-se nas entrevistas e análises realizadas pela autora durante pesquisa doutoral.

#### PALAVRAS-CHAVE

Comunicação Comunitária; Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba; Bem Viver; Educomunicação; Soberania Alimentar.

#### 1 INTRODUÇÃO

Em 2005, um grupo indígena constituído por famílias Pataxó e Pankararu criou uma associação e efetuou um empréstimo, via crédito fundiário, para adquirir 68 hectares de terra em Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Esse é o primeiro registro que se tem no país de uma aldeia formada por esse caminho. A atitude, criticada por alguns grupos étnicos, pode ser interpretada inicialmente como paradoxal. No entanto, as lideranças crescidas num ambiente carcerário, construído em Minas Gerais na década de 1970 e que aprisionou muitos indígenas por longos períodos, como foi o caso do patriarca Pankararu, seu Ventania, destacam que estavam cansadas de esperar a demarcação e queriam construir um projeto de vida para as gerações futuras, centrado na agroecologia, na reconstrução da terra e numa “pedagogia de algo grande” (YTXAY PATAXÓ, 2012), assumindo a perspectiva do bem viver (LIBERATO, 2018).

Nesse contexto, formaram alianças com indígenas, não indígenas e algumas instituições. Como sabemos, o Vale do Jequitinhonha sofreu grandes impactos provocados pelos chamados projetos de desenvolvimento. A área em que a aldeia foi construída não era diferente naquela época. Ainda que estivesse na beira do Rio Jequitinhonha, não havia peixes, dado o chamado rastro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 2 CULTURAS POPULARES, IDENTIDADES E CIDADANIA- CBCC) da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

conhecido como deserto azul com suas inúmeras hidroelétricas. O chão batido por animais que pesavam mais de 200 kg, resultante dos projetos de pecuária, carecia de reconstrução.

Sendo assim, os Pataxó e Pankararu se uniram em um projeto elaborado também em torno da comunicação, dos saberes e dos sabores cultivados via agroecologia, formando um sistema de comunicação e de linguagens complexo (BARTHES, 2008), cultivando alimentos que denotassem pertencimento aos seus grupos de origem, provocando interações (MARTINO, 2001), dialogicidade (FREIRE, 1982) e, por conseguinte, promovendo a Soberania Alimentar e a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), carro-chefe nas reivindicações da aldeia.

Neste artigo, analisa-se o trabalho comunicacional desenvolvido pela comunidade a partir da ideia de que ele também se construiu via percurso de suas lideranças pelos eventos da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), desde a década de 1980. Portanto, insere-se desde as relações públicas popular (PERUZZO, 2006) ao diálogo com os campos da educação ambiental, comunicação ambiental e estudos culturais verdes, cujos processos comunicativos são integrados à própria natureza. Nesse bojo, “a noção de *Sumak Kawsay* [Bem Viver] é uma das mais interessantes” (BARRANQUERO, 2012, p. 73).

## **2 METODOLOGIA**

Além do estudo realizado em textos acadêmicos, principalmente o produzido pelos pesquisadores indígenas e demais intelectuais do Sul, própria de uma investigação de doutoramento nesta linha, debruçei-me sobre o arquivo da aldeia. Os três documentários participativos, linha de pesquisa canadense, serviram de banco de coleta de dados para que eu pudesse realizar a análise das narrativas audiovisuais apoiada na concepção de Paul Ricoeur (1994). Logo, explorei as polissemias e busquei correlações que não fossem acidentais entre os sujeitos dessa comunidade, mas sim “transculturais” (RICOEUR, 1994, p. 85).

## **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Além dos autores já citados, também foram articuladas as noções do Bem Viver como uma categoria em construção, que se realiza nas práticas que brotam “desde de dentro”. Ou seja, ações que considerem as estratégias de convivência com a natureza, através da conjugação das condições ecológicas de um território com o manejo cultural do espaço (LEFF, 2016; ACOSTA, 2015; CHOQUEHUANCA, 2010; ARRUDA, 2003). O Bem Viver demanda um processo decolonial do pensamento e deve ser sistematizado por meio de alternativas, que abram caminhos pedagógicos e práticos para novas formas dos seres humanos se perceberem na natureza (WALSH, 2015).

O conceito de Educação Indígena é aqui concebido como “um conjunto de processos envolvidos na socialização dos indivíduos, correspondendo, portanto, a uma parte constitutiva de

qualquer sistema cultural de um povo, englobando mecanismos que visam sua reprodução, perpetuação e/ou mudança" (LUCIANO BANIWA, 2006, p. 129).

A comunicação, é analisada à luz do conceito de comunicação comunitária. “Trata-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política” (PERUZZO, 2006, p. 2). O pressuposto dessa forma de comunicação é a dialogicidade, cuja articulação se assenta na dinâmica da comunidade, e na definição dos sujeitos envolvidos: quem são, quais suas aspirações, o que precisam e como podem agir coletivamente para atingir seus objetivos e melhorar suas vidas (BARRANQUERO, 2012).

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É notório que, no Brasil, os grupos indígenas avançam no domínio das técnicas e processos comunicacionais e formam suas redes. Assim, internautas indígenas, estudantes universitários e profissionais de comunicação, têm contribuído para o surgimento e multiplicação de informações mais críticas. Neste ponto, os ambientes tecnológicos, disponíveis na internet, possuem papel relevante, pois são os suportes mais utilizados.

No entanto, nesse quadro que também é de tensões e dissensões, a aldeia “menina”, como é chamada pelo cacique Toê Pankararu, Cinta Vermelha-Jundiba, movimenta-se articulando manejos, sempre “olhando o passado para construir o futuro”, como ele assinala no seu Memorial (2004). Integrantes de redes, autoras de projetos sociais, eventos e realizadoras de vídeos documentários participativos, as lideranças da comunidade perseguem seus objetivos de reconstrução étnica em direção ao bem viver. Tanto a comunicação quanto a educação têm papel fundamental nesse processo.

#### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelos dados construídos no trabalho de convivência com a aldeia, durante o período da pesquisa, as evidências disponíveis informam que as lideranças do Movimento Indígena estão compondo uma janela virtual em defesa dos seus direitos. Nesse bojo, a Cinta Vermelha-Jundiba participa ativamente, compartilhando imagens e textos nos quais os indígenas falam de si e de suas bandeiras de luta.

Por certo, da mesma forma que a Cinta Vermelha-Jundiba publica uma cartilha com a “Lenda da Chuva e Kampriô (2006), que retoma a perspectiva da coletividade de seus ancestrais à “sombra do umbuzeiro desfolhado” para impulsionar sua luta por sobrevivência em momento de crise, vale-se também das “nuvens digitais”. Nesse sentido, suas lideranças se posicionam no tempo presente como sujeitos de direito, que buscam firmar seu mínimo vital e social (CANDIDO, 2003), conquistados por um processo histórico marcado por dores, suores, avanços e recuos.

## Referências

A MÃO DO PAJÉ. Direção: Rita Simone. Produzido pelas lideranças da aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, 2014. 1 Vídeo Participativo (15min), son., color., digital. Disponível em: <https://vimeo.com/127614317> . Acesso em: 12 abr. 2024.

BARBOSA LIBERATO, Rita Simone. **Comunicação, saberes e sabores:** estratégias de sobrevivência e práticas de Bem Viver na aldeia Cinta Vermelha-Jundiba. 28 de Mar. 2028. 332 folhas. Tese defendida na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 28 de março de 2018.

PANKARARU, Alexandre; et al. Apresentação. In: OLIVEIRA, Bruno. **Mídia índio(s):** comunidades indígenas e novas tecnologias da comunicação. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2014.

\_\_\_\_\_, Cleonice. **Os desafios do professor-educador na (re)construção de novos caminhos para o ensino fundamental e médio:** educação formação e transformação. 2014. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas)-Universidade Federal de Minas Gerais, Araçuaí, 2014.

WE DO NOT LIVE FOR MATERIAL THINGS – FOOD SECURITY AND INDIGENOUS CULTURE IN BRAZIL. Director Rita Simone. Produced by Cinta Vermelha-Jundiba village. Toronto: The Ryerson and York University University Joint Communication and Culture Graduate Masters and PhD Program, 2009. Digital (38min), son., color, subtitles in English. Disponível em: <https://vimeo.com/33308930> . Acesso em 16 maio. 2024.



# XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

